



As diferentes vozes na construção de uma casa na árvore

Cintia Souza Keleti¹ , Marcia Zalcman Setton^{2,3*} , Ronald Setton² 

1. Associação Paulista de Terapia Familiar – São Paulo (SP), Brasil.

2. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ~~SP~~ – São Paulo (SP), Brasil.

3. Instituto Sistemas Humanos - São Paulo (SP), Brasil.

Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim 

*Autora correspondente: mzsetton@gmail.com

Recebido: 5 Set. 2024. Aceito: 10 Dez. 2024.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi apresentar como a terapia familiar sistêmica apoiada no construcionismo social pode colaborar para a coconstrução de possibilidades durante o processo terapêutico. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do grupo Práticas Clínicas, no Instituto Sistemas Humanos, de São Paulo (SP), que estuda as diversas vozes da equipe terapêutica ao longo dos atendimentos mediante suas diferentes ressonâncias e posições. Essas vozes impactam tanto os clientes quanto os membros da própria equipe. Trazemos a voz de um dos terapeutas, a voz de um membro da equipe reflexiva e a voz da supervisora em seu papel de interlocução clínica.

Palavras-chave: Diferentes vozes, Processo terapêutico, Equipe reflexiva, Coconstrução, Novas possibilidades.

The different voices in building a treehouse

ABSTRACT

The objective of this paper was to present how systemic family therapy supported by social constructionism can collaborate in the co-construction of possibilities during the therapeutic process. This work was developed according to the scope of the Clinical Practices group, at the Human Systems Institute of São Paulo (SP, Brazil), that study the different voices of the therapeutic team throughout the sessions based on their different resonances and positions. These voices have their impacts on both clients and team members. We bring the voice of one of the therapists, the voice of a member of the reflective team, and the voice of the supervisor in her role of clinical interlocutor.

Keywords: Different voices, Therapeutic process, Reflective team, Co-construction, New possibilities.

Las diferentes voces en la construcción de una casa en el árbol

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar cómo la terapia familiar sistémica, apoyada en el Construccinismo Social, podría contribuir a la co-construcción de nuevas posibilidades durante el proceso terapéutico. Este trabajo fue desarrollado en el ámbito del grupo de Prácticas Clínicas del Instituto de Sistemas Humanos de São Paulo. Un estudio de las diferentes voces del equipo terapéutico a lo largo de las sesiones en función de sus diferentes resonancias y posiciones. Estas voces tienen su impacto tanto en los clientes como en los miembros del equipo. Traeremos la voz de uno de los terapeutas, la voz de un miembro del equipo reflexivo y la voz de la supervisora en su rol de diálogo clínico.

Palabras clave: Diferentes voces, Processo terapêutico, Equipo reflexivo, Co-construcción, Nuevas posibilidades.

INTRODUÇÃO

Por esse caso clínico de atendimento de uma família ocorrido no Instituto Sistemas Humanos, de São Paulo (SP), no âmbito do grupo de Práticas Clínicas, orientado para aperfeiçoamento de graduados, desenvolvemos este trabalho demonstrando as diferentes vozes de uma equipe de terapeutas familiares em um atendimento, diferenciando seus lugares e, ao mesmo tempo, todos pertencendo ao sistema terapêutico.

A terapia teve início presencial em março do ano de 2020 e, com o advento da pandemia, continuou *on-line* até julho de 2021. O atendimento foi realizado por uma dupla de terapeutas em uma sala com a família, e a equipe reflexiva e a supervisora da interlocução clínica estavam atrás do espelho. Presencialmente, a família foi atendida pela dupla de terapeutas, com a entrada da supervisora e convite à equipe reflexiva para trazer seus aportes ao final da sessão. Na fase virtual apenas as câmeras dos terapeutas e da família ficavam abertas durante a sessão e, perto do fim das sessões, a supervisora abria a sua câmera para comentários, assim como a equipe reflexiva quando convidada. A mudança na maneira de atendimento teve a concordância da família, bem como a publicação deste artigo, mediante um termo de consentimento livre esclarecido.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho foi apresentar como a terapia familiar sistêmica, apoiada no construcionismo social, pôde colaborar para a coconstrução de possibilidades durante o processo terapêutico de um caso clínico, assim como as repercussões das vozes da equipe terapêutica ao longo dos atendimentos mediante suas diferentes posições. Essas vozes impactaram tanto os clientes quanto os membros da equipe terapêutica. Para este artigo, queremos destacar as diferentes vozes, por intermédio de suas ressonâncias e reflexões durante os atendimentos. Trazemos a voz de um dos terapeutas, a voz de um membro da equipe reflexiva e a voz da supervisora em seu papel de interlocução clínica.

CASO CLÍNICO

Por indicação de um psiquiatra, um casal já separado, mas ainda não divorciado formalmente, e seu filho foram encaminhados para atendimento clínico familiar. Chamamos o pai de João (30 anos), a mãe de Maria (30 anos) e o filho de Pedro (9 anos). São nomes fictícios. A queixa inicial vinha por conta de um complicado comportamento escolar de Pedro. Além de sua recusa a ir à escola, o menino não tinha limites de horário em casa, comportamento agressivo e recusava-se a se relacionar com o pai após a separação do casal.

Depois das apresentações e esclarecimentos quanto à terapia familiar, João e Maria começaram a contar que estavam separados havia cerca de um ano e ambos estavam preocupados com as atitudes do filho. Pedro inicialmente não queria falar e se mantinha afastado do pai. Maria estava bastante emotiva e relatou que muita coisa acontecera na família e estavam ali por conta de Pedro. João confirmou, acrescentando que não entendia as atitudes do filho, que não respeitava a sua autoridade de pai. Como Pedro se mantinha apartado da conversa, o terapeuta coautor deste artigo sugeriu que o menino descrevesse a família utilizando alguns dos vários bonecos, bichinhos de pelúcia ou brinquedos que se encontravam em um canto da sala de atendimento. Rapidamente, Pedro pegou dois bonecos e começou a simular uma briga entre os pais com berros e gritos de dor.

Ao final desse atendimento a supervisora, percebendo o desconforto dos pais em falar de certas questões, sugeriu que apenas estes voltassem para o próximo atendimento, tendo assim maior liberdade de se expressarem, o que foi prontamente aceito por ambos. Descrevemos adiante alguns momentos dos atendimentos pelas vozes de um terapeuta, de um membro da equipe reflexiva e da supervisora do grupo.

Voz do terapeuta

No decorrer dos primeiros atendimentos surgia a palavra traição por parte de Maria, e, em seguida, ela passava a enfatizar outro tema e João não comentava o que Maria havia dito. Ao longo do primeiro atendimento, ao escutar os pais e observando a retração do filho, Pedro, senti a necessidade de dar algumas direções quando me lembrei do texto “O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de não saber”, de Anderson e Goolishian (2007), em

que se discutem a posição do não saber por parte do terapeuta e sua importância nas noções de conversação terapêutica e conversação por intermédio de perguntas. No artigo os autores salientam que o sistema terapêutico é um sistema organizador e dissolvidor do problema e a pergunta terapêutica é um instrumento básico para facilitar o desenvolvimento do espaço de conversação e do processo dialógico. Nesse instante me ocorreu perguntar a Pedro como ele poderia descrever a família.

Em alguns detalhes, percebemos que havia narrativas e entendimentos diferentes entre Maria e João. Eles, ainda que veladamente, me convidavam a ser um juiz sobre o sucedido. Anderson (2009), em seu texto “Uma postura filosófica: a posição, o conhecimento e a responsabilidade do terapeuta”, descreve que o cliente contribui com a sua *expertise* na área do conteúdo e o terapeuta traz a sua expertise na área do processo: o terapeuta é o especialista em se encaixar e participar com o cliente de um processo dialógico de narração de histórias. O terapeuta quer que cada indivíduo na conversa sinta que sua versão é tão importante quanto qualquer outra.

Ao longo das sessões sempre apareciam os desejos não realizados, as obrigações com o outro, as expectativas das famílias presentes, gerando cobrança sobre o que poderia ter sido o casamento.

Segundo Ducommun-Nagy (1998), comentando sobre a teoria contextual, criada por Ivan Boszormenyi-Nagy:

A presença do outro é a condição *sine qua non* da definição do eu. Permitindo o estabelecimento dos limites do ego, o outro torna-se fundador deste e a antinomia dialética eu/outro resolve-se em uma síntese, na qual este último se torna uma parte constitutiva do eu. Essa dependência ontológica tem caráter absoluto e não se fundamenta sobre nenhuma necessidade funcional concreta. A noção de interdependência eu/outro acarreta consequências consideráveis para o terapeuta, pois é no seio das relações que ele próprio estabelece com o outro que o paciente encontrará a fonte de sua individuação e de sua autonomia (Ducommun-Nagy, 1998, p. 105).

A autora segue nessa explanação a respeito das relações:

É preciso lembrar que todos nos valem da linguagem da ética relacional, seja qual for nossa origem ou meio social. Quem nunca exclamou: “Isto não é justo”, ou “Você me deve isto”? O fato de nos termos tornado devedores com relação a nosso parceiro nos obriga a reciprocidade. Aquele que tiver sido lesado contará com uma compensação direta ou indireta e são esses os elementos determinantes das transações efetuadas entre parceiros, do mesmo modo – senão mais – que os mecanismos apontados pelas teorias sistêmicas. Sem enveredarmos pela dimensão ética, não nos será possível traçar um quadro acurado da complexidade das relações interpessoais (Ducommun-Nagy, 1998, p. 106).

Ao longo dos atendimentos, a relação do pai com o filho foi melhorando, com João fazendo visitas regulares a Pedro com o consentimento de Maria, e esta fazia questão de não estar presente. Em algumas ocasiões próximo ao final da visita de João, Maria voltava para casa e convidava João para uma refeição e para conversarem, após Pedro deitar-se. Nas ocasiões em que o tom das conversas se elevava, surpreendentemente Pedro aparecia na sala e voltava a ter o comportamento anterior ao início da terapia.

Salvador Minuchin (1990, p. 53) afirma:

Em todas as culturas, a família dá a seus membros o cunho da individualidade. A experiência humana de identidade tem dois elementos: um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado. O laboratório em que estes ingredientes são misturados e administrados é a família, a matriz da identidade. O sentido de separação e de individuação ocorre através da participação em diferentes subsistemas familiares em diferentes contextos familiares, tanto quanto através da participação em grupos extrafamiliares. Como a criança e a família crescem juntas, a acomodação da família às necessidades da criança delimita áreas de autonomia, que esta experiência como separação. É destacado um território psicológico e transacional para aquela criança em particular.

Maria e Pedro começaram a conversar mais, Pedro melhorava na escola e, num fim de semana em que Maria precisou viajar, João dormiu com Pedro no quintal da casa, numa barraca sob a árvore. Na sessão seguinte, João anunciou que construiria uma casa na árvore, que seria um lugar para o lazer do filho, com o consentimento de Maria.

Gergen e Gergen (2010) trazem a dramática transformação que vem ocorrendo no mundo das ideias. Há um aumento de incerteza em relação aos padrões universais da objetividade, racionalidade, progresso e moralidade:

Num sentido mais amplo, podemos dizer que, ao nos comunicarmos uns com os outros, construímos o mundo no qual vivemos e, se mantivermos nossas tradições, a vida poderá prosseguir como de costume. Desde que façamos as distinções que nos são familiares, como, por exemplo, entre homens e mulheres, ricos e pobres, cultos e ignorantes,

a vida continuará sendo relativamente previsível. Entretanto, tudo aquilo que aceitamos como óbvio também pode ser questionado. Por exemplo, não existem “problemas” no mundo para que todos os vejam, mas, pelo contrário, construímos mundos “do bom” e consideramos “um problema” todos os acontecimentos que obstruam o caminho, impedindo-nos de alcançar aquilo que mais valorizamos. Será que tudo que construímos como “problema” não poderia ser reconstruído como “oportunidade”? (Gergen & Gergen, 2010, p. 22).

Após 18 meses de terapia familiar, Pedro viajou com o pai, e recebemos fotos. Para mim a imagem da casa na árvore permanece como a possibilidade de outras construções nas relações familiares.

Voz do membro da equipe reflexiva

Em 1985 as ideias de Tom Andersen (1991) sobre equipe reflexiva ganharam vida, pois possibilitaram a inserção de novas vozes no processo terapêutico, abrindo caminho para mudanças na dinâmica familiar. Trata-se de uma forma respeitosa de se falar, que permite considerar outros pontos de vista. Lembramos que qualquer descrição é dependente do observador, e cada um ao descrever a mesma situação apresentará uma versão diferente dela. Muitas vezes essas versões comparadas têm algo em comum entre si, mas nenhuma é melhor do que a outra; são todas igualmente válidas.

A entrada da equipe reflexiva é muito forte e amplia demais, um verdadeiro mar de possibilidades! Também, para quem está dentro dela, é uma experiência de muita evolução, aprendizado e paixão. Pude vivenciar nesse período muitas ressonâncias e poderia destacar especialmente uma, que ocorreu logo após o primeiro atendimento.

Sempre após cada sessão, tínhamos cerca de uma hora de conversa, em que todos podiam enriquecer o atendimento, com observações sobre as falas dos clientes, as percepções de cada um, pensando qual seria a porta de entrada escolhida, o que tinha despertado maior ressonância com a história de cada terapeuta. Nesse encontro, nossa interlocutora disse: “O filho trazendo os pais para terapia, como ele cuida desses pais”.

Aquilo foi bastante complexo. Ver o filho desobediente, que não queria ir para escola, tampouco relacionar-se com o pai, o “causador dos problemas”, como o cuidador, o filho que cuidava especialmente da mãe, distraíndo-a de suas dores e insuficiências. Esse novo olhar deu a mim também, na minha história, um novo lugar para a minha menina brava, maluca e doente da infância. Ver-me como uma guardiã, uma pessoa cuidadora, me deu uma potência ainda maior para seguir meu caminho como terapeuta familiar.

Para Andolfi (1998), a criança ou adolescente é a porta de entrada no sistema familiar e pode ser considerada a reguladora de todo o processo terapêutico. Ela não é um problema, mas acima de tudo pode ser um sinal de alarme, um indicador de que cada membro da família pode possuir enfermidade de ordem profunda, que não cessa de ampliar-se com o decorrer do tempo.

Segundo Tom Andersen (1991, p. 40), “perguntas que buscam diferenças que façam diferença são aquelas que focalizam as mudanças”.

Já para Minuchin (1993):

O sistema mantém a si próprio, sendo comum que membros da família tenham a percepção de que outros membros não cumpriram com suas obrigações e, a partir disso, surgem exigências de lealdade familiar, assim como manobras que podem induzir ao sentimento de culpa.

Seguem alguns exemplos dessas perguntas:

- Qual é o objetivo da terapia, além do filho?;
- João permite-se ser amado por alguém pelo que é?;
- É possível ser visto como um homem confiável?;
- Maria acha que merece ser amada?

Essas perguntas mexeram demais com a minha história, pois muitas vezes cobramos o amor e a atenção de quem amamos, mas não acreditamos sermos merecedores desse amor. Lembrei-me do livro de Mony Elkaïm (1990) *Se você me ama, não me ame* e do duplo vínculo recíproco: tanto eu como Maria podíamos estar pedindo algo que, sem ter consciência disso, não achávamos ser possível.

Muitas conquistas e transformações dessa família refletiram demais no meu caminho, especialmente no meu relacionamento com meus pais, meu marido e filhos. Pude trabalhar com eles e na minha família as lealdades invisíveis, as triangulações de mãe com filho, os legados familiares, a legitimação do outro e as ressonâncias. Como Elkaïm (1990) diz, a autorreferência pode revelar-se um coringa para o terapeuta, e não uma desvantagem, uma vez que, como terapeutas, passamos a integrar o sistema observado, carregando as nossas histórias de vida e experiências, as quais poderão ser revisitadas para colaborar com o processo terapêutico dos nossos clientes.

Em minha história, quando um não precisou mais desautorizar o outro, a parceria estava formada. Renunciamos ao prazer de que o errado era sempre o outro. Crescemos juntos 20 anos em apenas um! De crianças briguentas para adultos maduros, experimentando esses novos lugares, eles e eu.

Voz da interlocutora

Esse atendimento começou a ser realizado de maneira presencial com a família nas primeiras sessões (casal em processo de separação e filho de 9 anos rejeitando a presença do pai) e logo em seguida apenas com o casal, de forma virtual.

Harlene Anderson (2009, p. 3) conceitua a terapia como “um sistema de linguagem e um evento linguístico nos quais as pessoas envolvem-se em um relacionamento colaborativo e conversacional – um esforço mútuo em direção à possibilidade”.

Durante a primeira sessão, foi possível escutar na comunicação corporal da família, naquilo não falado, uma imensidão de temas não resolvidos, nem sequer conversados entre os pais dessa família. Como diz Gergen (2016, p. 159), “as emoções, junto com o prazer e a dor, estão estreitamente vinculadas com o corpo”.

Outro autor de quem me lembro quando penso em linguagem corporal é John Shotter (2017). Segundo ele:

Comunicação não é simplesmente enviar uma mensagem de forma unidirecional e uma resposta a ela, vinda de forma reversa, no mesmo processo... O processo básico de comunicação é de mão-dupla, formada de múltiplos feixes presentes ao mesmo tempo e fazendo uso de todas as vias de comunicação à nossa disposição – gestos, movimentos corporais e postura, sinais, olhares, expressões faciais, tom de voz, ritmo, pausas e assim por diante... Qualquer processo de comunicação, que não disponha de algum dos feixes acima, é claramente uma versão reduzida da comunicação... Sem as expressões corporais responsivas daqueles que estão ouvindo, não sabemos se estão compreendendo o que falamos... Pode surgir uma percepção de confusão ou desengajamento (Shotter, 2017, p. 41).

Tom Andersen (2020) valorizava as múltiplas vozes. Quando a equipe reflexiva participa do atendimento, isso possibilita outra posição de escuta tanto para a família quanto para os terapeutas. Isso permite aos clientes compreenderem a construção de significados em suas realidades e torná-las mais flexíveis.

No texto de Tom Andersen (2020) “Reflexões sobre a reflexão com as famílias”, Goolishian é citado: “Se você sabe o que fazer, isto o limita. Se você sabe mais a respeito do que não fazer, então existe uma infinidade de coisas que podem ser feitas” (Andersen, 2020, p. 92-93).

Para Andersen (2020), é importante estar aberto e sensível à nossa “vida externa” e, ao mesmo tempo, estar aberto e sensível às nossas reações da “vida interna”. Ele chama esse processo de intuição: partir da emoção, do sentir, para depois pensar ou teorizar, e não o contrário.

Acredito que a observação da dificuldade de comunicação entre e com o casal parental me fez propor a presença dos pais sem o filho, para que ficassem menos constrangidos para falar de assuntos delicados. Essa sugestão foi prontamente aceita pelos pais.

Começamos então a conhecer um pouco a história daquele casal. Considero muito pertinente comentar alguns pontos da história, para criar um contexto de compreensão do percurso percorrido.

Com o desenrolar das sessões, as verdades individuais, os segredos e as referências que cada um trazia de sua família de origem foram tendo lugar nos diálogos. O que era de um passou a ser dos dois, e começaram a se dar conta de que tinham de construir outra forma de viver.

Eles conheceram-se ainda crianças. Ela era de uma família religiosa que pertencia a uma Igreja evangélica; ele, de uma família com uma comunicação muito difícil.

Maria contou-nos que era muito extrovertida quando criança, participando do coral da Igreja e sendo vista como modelo para outras jovens. Começou a namorar João e ela engravidou. Isso, para a família e o ambiente social dela, era muito chocante. Os dois resolveram, então, casar-se no prazo de um mês.

Durante todo o início do casamento, ela trabalhou para que João pudesse estudar. Foi missionário, estudou teologia, também sob influência dela e de sua família. Essa situação fazia com que ele se sentisse com menor valor do que Maria, não sentindo-se valorizado por ela. Podemos ver assim as questões da lealdade familiar e seu ambiente cultural.

Ao longo dos anos, Maria adquiriu uma doença autoimune que a levou diversas vezes ao hospital. Poderíamos pensar o que o corpo dela gostaria de falar e o que era impedido, ou o que não era possível.

João, vindo de uma família em que não havia boa comunicação, tinha dificuldades de se comunicar com Maria. Por sua vez, Maria era muito conectada com sua família de origem, especialmente com sua mãe, que a apoiava em todas as ocasiões.

Gergen e Gergen (2010) falam de como nossas referências e nossa forma de ver o mundo são construídas desde muito cedo: “A ideia fundante da construção social parece simples, mas, ao mesmo tempo, é profunda. Tudo o que consideramos real é resultado de uma construção social” (Gergen & Gergen, 2010, p. 20).

João tinha dúvidas se Maria se interessava por ele, ou pela instituição “casamento”. Dessa forma, eles foram distanciando-se, e João iniciou um relacionamento com outra mulher.

Um ponto de virada foi quando Maria precisou ser internada com uma de suas crises por conta da doença autoimune, e João deixou-a no hospital para viajar com sua amante.

Naquele momento houve o rompimento do casal. Pedro, por conta novamente de uma questão de lealdade com sua mãe, utilizando o conceito originário dos trabalhos de Borzomenyi-Nagy, conforme Ducommun-Nagy nos relata (1998), assumiu o lado dela, recusando-se a conversar e a ficar com o pai.

Nas nossas conversas, todos esses assuntos vieram à tona, e as mágoas de cada um puderam ser compartilhadas e, talvez pela primeira vez, conversadas.

Para Anderson (2009, p. XVII):

Há conversas que reduzem as possibilidades e outras que as aumentam. Quando as possibilidades são aumentadas surge uma abertura para ação, uma sensação de que podemos tomar a atitude necessária para tratar do que nos preocupa ou nos atormenta. Manter esse tipo de conversações tem a ver com ajudar as pessoas a ter acesso à coragem e à capacidade de mover-se através dos assuntos que as preocupam.

Foi nessa direção que procuramos nos mover.

Pudemos perceber que houve mudanças e que as transformações foram ocorrendo naturalmente como consequência de diálogos que foram produzidos e incentivados. Embora separados, Maria e João puderam trabalhar seus papéis como pais de Pedro. A tensão existente anteriormente foi cedendo lugar ao diálogo, alterando os conflitos de uma relação conjugal para uma saudável relação parental.

Quando o filho começou a observar que os pais se falavam sem brigar em sua casa, no mesmo espaço, ele pôde começar a aceitar a aproximação do pai, com o estímulo da mãe. Não foi mais necessário manter a lealdade com a mãe, cuidando de sua fragilidade.

O processo de aproximação foi lento. Nesse caminho, João buscou aproximar-se de seu próprio pai e conversar com ele, o que também era inédito. Uma frase de João marcante (para mim) era que ele “não acreditava em comunicação”. Isso lembra as afirmações de Elkaïm (1990) sobre o pedido oficial e a construção de mundo. O autor propõe:

Denominar de pedido oficial a demanda explícita de cada membro do casal, e construção de mundo uma crença que havia sido elaborada no passado. Esses mapas, construídos a partir de experiências anteriores são aqueles através dos quais os membros de um casal percebem o seu presente. Pouco importa se o território no qual se avança não seja o mesmo que aquele no qual o mapa foi desenhado (Elkaïm, 1990, p. 24).

Por mais que João pedisse um relacionamento mais próximo com Maria, em sua construção de mundo isso não seria possível, pois para isso seria necessária a comunicação, e, para ele, isso era impossível.

Aos poucos, fomos lidando com a dificuldade de comunicação do casal, assim como com as diferentes vozes da equipe reflexiva: em alguns momentos diversos membros da equipe estavam totalmente aliados a Maria, enquanto em outros totalmente aliados a João. Trabalhamos muito para compreender o casal como uma construção conjunta, com suas riquezas e dificuldades, que poderia continuar como par conjugal ou não, mas que continuaria a ser sempre um par parental, lembrando também que o pedido inicial eram as questões do comportamento de Pedro.

Quando João ia à casa de Maria, se eles estivessem conversando de forma amigável, Pedro aproximava-se e podia participar da conversa. Maria, aos poucos, saía do ambiente e deixava pai e filho conversarem. Paulatinamente as conversas foram caminhando, e Pedro pôde visitar os pais de João. Depois, fizeram uma pequena viagem juntos.

João terminou o namoro com a outra mulher com quem ele estava e passou a dedicar-se mais à sua família. Foram desenvolvendo uma amizade que antes não estava presente. Durante a pandemia, a mãe de Maria acabou falecendo de Covid-19 e João foi a pessoa que mais a apoiou.

Acompanhamos esse par parental até que João teve a ideia de construir uma cabana na árvore no quintal da casa de Maria, e essa tarefa foi realizada pelos dois, João e Pedro.

O espaço físico da cabana proporcionou um lugar de acolhimento para toda a família. Pai e filho dormiram juntos na cabana e recuperaram a intimidade. Após 18 meses, o atendimento foi encerrado com a concordância de Maria e João. Pedro apareceu na tela com Maria perto do fim da terapia e disse que já tinha boas conversas com o pai. Maria e João reconheceram-se como pais cuidadosos e amorosos. Duas semanas após o encerramento, os terapeutas receberam uma foto de Pedro viajando com o pai.

Consideramos a construção dessa cabana a grande metáfora desse atendimento. Na cabana foi possível transformar totalmente o relacionamento do par parental (eles até cogitaram reatar o relacionamento conjugal, mas até o momento que os acompanhamos essa possibilidade não havia sido concretizada), e a relação pai-filho.

O trabalho realizado em conjunto (família e terapeutas) propiciou transformações para todos. As incertezas e os imprevistos colocaram-se como possibilidades para construções de significado na vida em família e na prática profissional.

Trazemos, enfim, alguns depoimentos dos terapeutas participantes da equipe que acompanhou o atendimento e que foram enviados para Maria e João:

- “O que dizer desse um ano e meio de jornada... Obrigado pela coragem de terem compartilhado a história de vocês... O que fica para mim é a possibilidade de o outro existir em sua individualidade...”;
- “Antes tinha um sentimento de medo a cada passo... Agora já existe um caminho... Gratidão...”;
- “Pensar em terapia sempre é uma viagem a uma ilha desconhecida. Vocês me deram a oportunidade de caminhar junto na direção dessa ilha”;
- “À medida que vocês foram caminhando, peguei carona aprendendo que há várias possibilidades para ser e viver como ex-casal...”;
- “Os incômodos eram tão fortes que podíamos sentir a dor deles...”;
- “Isto me fez pensar no autocuidado, para melhor cuidar de um filho...”;
- “Vocês tocaram muito o meu coração e deixaram gravada a fé no ser humano...”;
- “A disposição e a coragem de vocês contribuíram para a construção de novas referências para mim...”;
- “Vocês são uma inspiração, aprenderam a confiar na possibilidade do diálogo e têm toda a minha gratidão”.

Endereço para correspondência

Me. Marcia Zalcman Setton
Celular: 055 11 999478371
E-mail: mzsetton@gmail.com

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Conceituação: Cintia Souza Keleti, Marcia Zalcman Setton, Ronald Setton; **Redação do artigo:** Voz do terapeuta: Ronald Setton; **Voz do membro da equipe reflexiva:** Cintia Souza Keleti; **Voz da interlocutora:** Marcia Zalcman Setton.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Nenhum.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.



REFERÊNCIAS

- Anderson, H. (2009). *Conversação, linguagem e possibilidades*. Roca.
- Anderson, H., & Goolishian, H. (2007). O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de não saber. *Revista NPS*, (27).
- Andersen, T. (1991). *Processos reflexivos* (2ª ed.). Instituto Noos.
- Andersen, T. (2020). Reflexões sobre a reflexão com as famílias. In S. McNamee & K. J. Gergen (Eds.), *A terapia como construção social* (2ª ed., pp. 92-111). Instituto Noos.
- Andolfi, M. (1998). Família/indivíduo: um modelo trigeracional. In M. Elkaïm (Ed.), *Panorama das terapias familiares* (Vol. 1, pp. 101-118). Summus.
- Ducommun-Nagy, C. (1998). A terapia contextual. In M. Elkaïm (Ed.), *Panorama das terapias familiares* (Vol. 1, pp. 101-118). Summus.
- Elkaïm, M. (1990). *Se você me ama, não me ame*. Papirus.
- Gergen, K. J (2016). *El ser relacional: Más ala del yo y de la comunidade*. Desclée de Browver.
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: Um convite ao diálogo*. Instituto Noos.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1993). *A cura da família*. Artmed.
- Shotter, J. (2017). Realidades terapêuticas e o dialógico: corpo, sentimentos, linguagem e mundo. In M. A. Grandesso (Ed.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos de populações* (pp. 143-166). CRV.